

05-07-2021

A DEFICIÊNCIA E A FALÁCIA DA SUPERAÇÃO

Alisson Azevedo

[Diretor de relações públicas da Associação dos
Deficientes Visuais do Estado de Goiás - ADVEG]

O escritor argentino Jorge Luís Borges dizia que sua cegueira era um estilo de vida.

Mesmo cego de nascença e militante da causa desde muito cedo, demorei a entender isso.

Estilo pra mim era surfe, veganismo, meditação.

Já a cegueira, aos olhos dos outros, na minha infância, era uma doença a ser curada; na adolescência, um estigma a ser normalizado. No início da vida adulta, ela converteu-se para mim numa bandeira coletiva de luta por direitos. Agora vinha esse Borges me falar de cegueira como estilo de vida? Eu já conhecia então as imposturas literárias borgeanas, e suspeitei de mais uma delas. Mas aquela era sua verdade.

O autor de ficções reverberava na América Latina o que muitos intelectuais com deficiência escreviam na Europa em meados da década de 1960: que a deficiência não é doença, nem estigma, nem anormalidade, mas sim uma característica da condição humana. O charmoso pastiche daquele Jorge transformou essa característica - sua cegueira, no caso - em estilo de vida.

E fez-se a luz na minha cabeça.

Então a minha cegueira também pode ser um estilo de vida? Sim, mas aí o inferno são os outros.

Já ouvi vezes sem conta a mesma frase, interrogativa, afirmativa ou exclamativa: "você já superou a deficiência..." Ninguém supera a cor da pele ou a estatura. Por que é que eu deveria superar minha deficiência? A falácia da superação embute uma cruel e corriqueira visão de mundo, que é a da deficiência como tragédia pessoal. Por esse olhar, o deficiente presumidamente fracassado em razão de uma lesão - cegueira, surdez etc. -, somente será redimido de seu presumido fracasso caso cometa algum feito heróico.

Ganhar uma paraolimpíada, criar uma startup de sucesso ou namorar a Letícia Sabatella, por exemplo. Ou o Chico Buarque... E como tudo pode piorar - nada a ver com a Letícia, com o Chico nem com seus beijos imaginários -, tem também a banalização da superação da deficiência. Segundo essa visão de baixo clero, qualquer coisa que um deficiente faça, tenha feito ou venha a fazer - ler, escrever, transar ou mesmo atravessar uma rua -, é encarada como superação. O mito da superação tem muitos elementos de interpretação: o histórico, o sociológico, o antropológico... Mas tem um que, ao meu ver metafórico, conta mais, talvez em razão dos anteriores: é o do sujeito não deficiente impedido de se colocar no lugar do outro com deficiência.

Existe um ancestral - e ainda atual - estigma de fracasso em relação à deficiência. Esse estigma impede a maioria dos não deficientes de se imaginar na condição de cegos, de surdos, de deficientes físicos, intelectuais ou mentais fazendo atividades corriqueiras do cotidiano e, menos ainda, realizando coisas consideradas como proezas para qualquer pessoa. Quem imagina que o outro não possa fazer quase nada precisa alçá-lo à condição de herói em quase tudo que esse outro faça. Por isso a falácia da superação da deficiência é sua negação como característica da condição humana. Mais que isso: é a negação da igualdade de oportunidades - inclusive das ações afirmativas - que toda pessoa com deficiência precisa para viver plenamente, sem superação e com dignidade. Enfim, a falácia da superação da deficiência equivale à negação às pessoas com deficiência, do direito à igualdade e ao reconhecimento de direitos.

Equivale, numa palavra, à negação de justiça.

E quanto aos tantos gênios com deficiência?

Ray Charles, Stephen Hawking, Jorge Luís Borges, Aleijadinho? Pessoas com deficiência são humanas, demasiado humanas. Tanto é assim que bem podem ser geniais, sem precisar superar sua humanidade. Como aliás acontece com todo mortal que se preze.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.